

Sobe o preço dos alimentos e aumenta a fome em todo o mundo

Barry Manson
1 Abril 2008

Use this version to print | Send this link by email |
Email the author

Este artigo foi publicado no WSWWS, originalmente em inglês, no dia 29 março 2008.

O Programa Mundial de Alimentação (WFP, da sigla em inglês) da Organização das Nações Unidas (ONU) alertou que o aumento no preço dos alimentos em todo o mundo provocará uma redução na sua capacidade de alimentar as populações famintas e subnutridas.

Em um pronunciamento no último mês em Roma, onde fica a sede do WFP, o diretor executivo do Programa, Josette Sheeran, declarou “nossa capacidade de atender às pessoas está sendo reduzida justamente no momento em que a demanda está crescendo... Nós estamos vendo uma nova face da fome, em que as pessoas estão sendo privadas do mercado de alimentos. Situações que antes não eram urgentes, agora o são.”

Em uma nota à imprensa, o WFP declarava que para realizar seu trabalho durante o ano corrente, seriam necessários 3,5 bilhões de dólares, meio bilhão a mais do que foi estimado no ano passado. Estes recursos estão destinados a projetos aprovados para alimentar 73 milhões de pessoas em 78 países ao redor do mundo. A nota destaca que estes recursos são para projetos de alimentação já planejados e não incluem situações emergenciais imprevistas que podem surgir.

A nota à imprensa ressalta ainda que as populações mais pobres do planeta terão que gastar uma porção cada vez maior de seu mísero orçamento em alimentação. O WFP alerta que essas populações serão obrigadas a comprar menos comida, ou comidas menos nutritivas, ou terão que se apoiar em auxílios externos.

A lista dos países mais afetados inclui o Zimbábue, Eritréia, Djibouti, a Gâmbia, Togo, Chad, Camarões, Nigéria e Senegal, todos no continente africano. Serão afetados também o Haiti, Myanmar, Yemen e Cuba.

Segundo o WFP, entre os fatos que estão pressionando o aumento no preço dos alimentos estão o aumento do preço do petróleo e o crescimento da demanda por alimentos, especialmente por carne, na China e na Índia. O aumento da demanda nestes países é resultado do rápido crescimento de seu poder econômico.

Entretanto, os acontecimentos relacionados às mudanças climáticas também tiveram um papel importante no aumento dos preços, além de outro fator que está em operação no mercado: o crescimento do uso das terras de cultivo para a produção de biocombustíveis.

No jornal *Financial Times* de 26 de fevereiro, Mark Teirlwell apresentou alguns dados sobre a escala do problema no fornecimento de alimentos. Ele apontou que o preço dos alimentos subiu 75% em todo o mundo desde o ano 2000, com uma taxa de crescimento de 20% só no último ano. O consumo de carne e soja na China subiu 40% na última década, acompanhando o crescimento da sua economia.

Ele aponta que, ao contrário do que ocorreu no passado, quando o aumento no preço dos alimentos foi contornado por um subsequente aumento na produção, isso não será possível desta vez.

Mark argumenta que a alta no preço do petróleo e sua consequência direta - a produção de biocombustíveis - causarão um impacto a longo prazo no fornecimento de alimentos. E, pior ainda, as plantações crescerão mais para atender à crescente demanda por biocombustíveis do que à demanda por alimentos.

O fato de o custo dos alimentos representar uma porção cada vez maior dos salários dos trabalhadores pobres nos assim chamados “países subdesenvolvidos” provocará uma deterioração ainda maior da sua já difícil situação. Thirlwell escreve: “enquanto a porção

destinada à alimentação na cesta de consumo [orçamento familiar] dos países ricos, como os EUA, é relativamente baixa -na casa dos 10%- , ela atinge cerca de 30% na China e mais de 60% na África Sub-Saariana. Os países mais vulneráveis são aqueles de pequenos rendimentos na rede de importadores de alimentos. Preços mais altos nos alimentos fazem crescer ainda mais a pressão sobre os mercados de importação, que muitas vezes já estão inflados pela alta dos preços da energia. Muitas das mais pobres economias do mundo estão enquadradas nesta categoria e são extremamente dependentes de auxílios no campo da alimentação para suprir suas necessidades. No entanto, o volume de recursos disponíveis para isto em todo o mundo está estagnado há duas décadas e, ainda pior, a quantidade de auxílio fornecida tende a cair conforme os preços sobem, já que grande parte destes recursos está comprometida em grandezas fixas de dólares.”

Ele aponta também que os mais expostos aos riscos são os miseráveis urbanos. Na maioria dos países da África sub-Saariana, uma grande parcela da população sobrevive baseada em agricultura de subsistência e a tendência é que os pobres deixem suas terras e partam em direção aos centros urbanos que crescem aceleradamente.

A transformação dos campos de plantio em áreas de produção de biocombustíveis está tendo um enorme impacto na África. Ghana, Benin, Etiópia, Uganda, Tanzânia, Zâmbia e África do Sul: todos esses países têm planos para transformar plantações de alimentos em áreas de produção de biocombustíveis.

Um relatório publicado no *Independent* do dia 16 de fevereiro dizia que uma reunião da *Rede Africana pela Biodiversidade* (African Biodiversity Network) teria ocorrido na África do Sul para discutir a produção de biocombustíveis. O artigo citava o respeitado ambientalista nigeriano, Nnimmo Bassey, que dizia: “A África é um continente aberto e a indústria energética que tirar vantagem disto... Isto é um retorno às *plantations* colonialistas.”

E o artigo continuava: “Desde as savanas da África Ocidental até as florestas tropicais do Congo, as planícies da Tanzânia e as regiões selvagens da Etiópia, os governos estão entregando enormes porções de terras férteis às companhias privadas que desejam converter o crescimento da biomassa das largas

plantações em combustíveis líquidos para o mercado de exportação. Líderes africanos como Senegal Absoulaye Wade estão prevendo uma ‘revolução verde’ e procurando, ansiosamente, por exportações lucrativas.”

As alterações climáticas também afetarão a produção de alimentos na África. Um relatório recente da Universidade de Stanford previa uma queda de aproximadamente um terço na produção de milho, como resultado das mudanças climáticas ocorridas nas duas últimas décadas.

Um estudo desenvolvido pelo Centro para a Economia e a Política Ambientais na África (CEEPA, na sigla em inglês), baseado na África do Sul, defende que a África perderá cerca de 4% das suas terras cultiváveis nos próximos 30 anos e terá perdido cerca de 18% até o fim do século.

A agência dos Estados Unidos para o Desenvolvimento Internacional (USAID, na sigla em inglês) declarou que cortará o montante de auxílios alimentares que ela fornece. Ela culpou o recente elevado aumento no preço das *commodities*, deixando-a com um déficit de 120 milhões de dólares no orçamento.

Amy Barry, porta-voz da Oxfam para os assuntos do comércio, citado no *Observer* em 2 de março, observou: “mais e mais pessoas enfrentarão a falta de alimentos no futuro... Dado o que tem acontecido em função do aumento dos preços dos alimentos, devemos refletir sobre o impacto que isso terá sobre as pessoas [nos países em desenvolvimento] que gastam até 80% de seus salários com comida”.

O impacto da crise econômica do sistema capitalista terá um efeito devastador na vida das pessoas mais pobres do mundo.



To contact the WSWP and the Socialist Equality Party visit:

wswp.org/contact